

VIAGEM PELO FANTÁSTICO MUNDO DOS FÓSSEIS

Intrigante aventura entre dinossauros, continentes perdidos, cientistas atrás de elos de uma história que nos é contada por animais e plantas petrificadas. Como era o mundo, aqui onde hoje é São Paulo, segundo as informações do geólogo Sérgio Mezzalira, estudioso de fósseis, há trinta e quatro anos.

Marcos Faerman

Enigmas de uma história perdida; peças de um quebra-cabeça fantástico; muito tempo antes de o homem surgir, viveram eles, animais e plantas cujos vestígios se conservaram nas rochas.

Estudiosos como o geólogo e paleontólogo Sérgio Mezzalira tentam contar uma outra história — a dos fósseis, em São Paulo. E pelos fósseis se descobrem nexos que nos permitem conhecer e interpretar não só a vida, como o ambiente de tempos remotos.

Estamos num reino em que a unidade é de milhões de anos, e tudo cai no abismo do tempo infinito. Vejam: na casa do geólogo Mezzalira, ele me apresenta uma estranha e luminosa peça de madeira petrificada.

Sabem quantos anos ela tem?

Duzentos e cinquenta milhões!

Uma cifra que faz arregalar os olhos.

Duzentos e cinquenta milhões de anos?

Tal espanto nasce porque não sabíamos da existência dos **estromalitos** — estruturas calcárias, de formas diversas; originaram-se da atividade de algas azuis... e surgiram... há 2,5 bilhões de anos.

São as primeiras formas de vida em São Paulo, preservadas em formações calcárias da região de Itapeva. Mas, aí, vem uma coisa realmente espantosa. Os estromalitos são do chamado período Pré-Cambriano — na linguagem dos cientistas. Acontece que, em São Paulo, a documentação paleontológica não é abundante.

Falta o registro completo da vida, ao longo dos chamados períodos geológicos. ("Isso — diz Mezzalira — pode acontecer em qualquer região, devido a processos erosivos que destruíram as camadas de fósseis, ou às condições adversas, por ocasião da fossilização dos animais e vegetais.")

Seja lá como for, em São Paulo há um salto. Pula-se dos terrenos Pré-Cambrianos para os do Carbonífero, da Era Paleozóica. Transpõem-se, assim, mais de dois bilhões de anos. E chega-se a certas manifestações da vida (como as folhas de **Glossopteris** e **Gangamopteris**). As florestas desses vegetais eram próximas de lagos e perdiam as suas folhas, que se fossilizavam em meio a detritos finos e iam se acu-

mulando no fundo de lagos de águas tranqüilas. Com o decorrer do tempo, ali estavam camadas de carvão e pedra.

A predominância desses fósseis está na região de Cerquilhos — mas também os encontramos em Monte Mor e Buri, por exemplo. Há um ponto bem curioso ligado à presença dessa flora glossopteris. Um estudioso chamado A. Wegener encontrou esta flora na América do Sul e na África. Descobriu outros pontos comuns nos dois continentes, como a glaciação. Por aí, passou a formular uma hipótese fascinante: a América do Sul não esteve ligada à África? Não formariam uma única massa terrestre? O sábio Sr. Wegener deu até um nome a este continente possível: **Pangeia**.

Formando um cenário fantástico e aterrador, gigantescos monstros pré-históricos como este (Titanossauro) existiram na região oeste de São Paulo, há 80 milhões de anos. Possuíam de 15 a 20 metros de comprimento e o seu rugido apavorava os animais menores. A prova de sua existência são as ossadas encontradas recentemente em Pacaembu Paulista e Álvares Machado, Estado de São Paulo. Como desapareceram? É um enigma, explica Sérgio Mezzalira. A esse respeito, há dezenas de teorias, mas todas omissas, sem fatos confirmatórios.

